



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PROJETO DE TRABALHO DE CURSO II

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL E A VISÃO RELIGIOSA
UMA QUEBRA DE PARADIGMA DA SUBMISSÃO DA MULHER

ORIENTANDO (a) – THAYS CHRISTINY DA SILVA
ORIENTADOR (a) - PROF. (a) Dra. MARINA ZAVA DE FARIA

GOIÂNIA
2021

THAYS CHRISTINY DA SILVA

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL E A VISÃO RELIGIOSA

UMA QUEBRA DE PARADIGMA DA SUBMISSÃO DA MULHER

Projeto de Monografia Jurídica apresentado à disciplina Trabalho de Curso I, da Escola de Direito e Relações Internacionais, Curso de Direito, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGOIÁS).

Prof. (a) Orientador (a) - Dra. MARINA ZAVA DE FARIA

GOIÂNIA
2021

THAYS CHRISTINY DA SILVA

**A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL E A VISÃO RELIGIOSA
UMA QUEBRA DE PARADIGMA DA SUBMISSÃO DA MULHER**

Data da Defesa: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. MARINA ZAVA DE FARIA. Nota: _____

Examinador Convidado: Prof. Esp. Euripedes C. R. Junior. Nota: _____

Dedico o presente trabalho a todas as mulheres que lutam diariamente pelas equidades sociais. Especialmente, dedico as mulheres que foram e são vítimas de violências domésticas. Dedico, também, ao meu esposo, Glauber Nunes. Dedico, aos meus pais que lutaram para que eu tivesse uma boa educação.

Agradeço primeiramente a Deus que tens me sustentado e até que me ajudou nessa caminhada, me dado discernimento, sabedoria, entendimento. Renovando minha fé e minhas forças para não desistir da caminhada.

Aos meus pais, Tânia Cristina de Lima Silva e Evaldo Cândido da Silva tenho gratidão eterna, pois sempre batalharam para que nunca me faltasse nada e que dedicaram suas vidas para me criar e construir a mulher que sou. Obrigada, por lutarem para que eu tivesse uma boa educação. Obrigada pai e mãe por tudo!

Ao meu esposo, Glauber Rogeris Oliveira Nunes, agradeço por ter segurado minha mão nessa caminhada, por ter sido meu porto seguro nessa jornada. Obrigada, por esse marido maravilhoso que é, que nunca mede esforços para me ver sorrindo. Que sempre me apoia e me ajuda nas realizações dos meus sonhos. Obrigada, Te amo!

Agradeço também aos meus familiares que me apoiaram nessa jornada, especialmente aos meus avós que sempre acreditaram em mim. Não poderia deixar de mencionar aqui também, a minha Tia Ister que no início da minha jornada me ajudou muito, obrigada tia que Deus recompense a senhora.

A minha sogra, Maria das Mercês de Oliveira, que hoje é uma estrelinha no céu, obrigada por ter sido essa mulher fantástica que era, aprendi muito com a senhora, obrigada. Saudades!

Agradeço as minhas tia do coração, Rosana e Rosangela, jamais esquecerei dos conselhos me dado, das coisas boas que fez por mim quando precisei, do ombro amigo, desejo toda sorte de bençãos sobre a vida de vocês. Obrigada Tias!

Agradeço aos meus amigos, Kelly, Leodir, Lótus, Tacielly e Danielle por juntos termos compartilhado essa jornada.

Agradeço a equipe da Controladoria, Camila, Vinicius, Laissa, Lucas, Ellen e Gustavo por ao longo de 2 anos ter compartilhado os seus saberes e conhecimentos comigo.

Obrigada a todos que indiretamente contribuíram para minha formação.

*“O que temos nós mulheres que atrai tanta violência? O que existe em nós que provoque a vontade de violar, de agredir, de sacrificar, de eliminar?” – **Ivone Gebara***

RESUMO

O presente trabalho dedicou-se trata-se da relação da violência doméstica e a religião, ou seja, demonstrar a influência das entidades religiosas no altos índices de violência doméstica no Brasil. Início trazendo o conceito de mulher ao longo da história, passando para a pressão da religião nos ambientes domésticos, trazendo dados dos grandes índices da violência doméstica, levantando a o enfretamento da problemática pelos líderes religiosos e por último como as mulheres tem quebrado esse paradigma da submissão.

Palavras-chaves: Violência. Religião. Submissão.

ABSTRACT

The present work is dedicated to the relationship of domestic violence and religion, that is, to demonstrate the influence of religious entities in the high rates of domestic violence in Brazil. Beginning with the concept of women throughout history, moving to the pressure of religion in domestic environments, bringing data on the large rates of domestic violence, raising the issue of confrontation by religious leaders and finally, how women have broken this paradigm of submission.

Keywords: Violence. Religion. Submission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A VISÃO DA RELIGIÃO ACERCA DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA	11
1.1 NO ÍNICIO DEUS ERA MULHER, DEPOIS TORNOU-SE HOMEM.	12
1.2 A VISÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA.....	16
1.3 A VISÃO DA MULHER NA IDADE MODERNA.....	21
2. A OPRESSÃO RELIGIOSA DENTRO DO AMBIENTE DOMÉSTICO.	25
2.1 O ÍNDICE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	30
3. O ENFRENTAMENTO DA PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PELAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS	36
3.1 A MULHER MODERNA E A QUEBRA DE PARADIGMAS DA SUBMISSÃO.	42
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A violência doméstica se tornou um tema tão relevante quando o caso de Maria da Penha veio ao público, trazendo grande repercussão nacional e internacional. Como já sabido por todos, Maria da Penha, sofreu constantes agressões pelo seu ex-companheiro, Marco Antonio, e, até tentativas de assassinatos, o qual a deixou paraplégica.

A batalha maior de Maria da Penha era com a justiça brasileira. Penha sofreu com a morosidade da justiça e padeceu mais ainda quando seu agressor não cumpriu a sentença lhe imposta.

Assim, diante da negligência da justiça brasileira, Maria da Penha, teve o seu caso denunciado para Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Tais órgãos internacionais, responsabilizaram o Brasil por negligência, omissão e tolerância a prática de violências contra mulheres. Ainda, orientaram o Estado Brasileiro a adotar medidas que penalizaria tais ações violentas e que ao mesmo tempo resguardassem as vítimas. Assim, nasceu a Lei nº 11.340/2006.

Após o vigor da Lei Maria da Penha, a Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado, realizada em 2010, apontou que a cada 2 (dois) minutos pelo menos 5 (cinco) mulheres é vítima de agressão no Brasil. Ainda revela que 40%

das mulheres já sofreram algum tipo de violência, como por exemplo: assédio, agressão física e/ou verbal e sexual.

A pesquisa traz indicadores em relação a religião que cada entrevistada teve, de acordo com as apurações realizadas, 69% das mulheres entrevistadas declararam ser católicas, enquanto evangélicas somam 22%, em contrapartida 4% declararam pertencer a umbanda/candomblé ou kardecista.

A teóloga Valéria Cristina Vilhena em seu doutorado na Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, constatou que 40% das mulheres que sofriam algum tipo de violência domésticas se declaravam evangélicas.

Quando pensamos em crenças religiosas temos o conceito de amor, paz, fraternidade, discursos que trazem o alento para nossas almas e, são tais discursos que impossibilitam a percepção da violência trazida e, principalmente em relação as mulheres. Não é de estranhar os dados apontados acima, uma vez que como todo ser humano, as mulheres procuram algo para aliviar sua dor e sofrimento e geralmente se apegam as suas crenças religiosas.

As mulheres que algum dia sofreram algum tipo de violência por parte de seus companheiros, procuraram seus líderes religiosos para um conselho e nas falas suaves de seu líder devem ter ouvido: o amor tudo sofre, tudo suporta, é apenas uma provação, o casamento é sagrado e você deve lutar pela mudança de seu esposo. E assim, forma-se um ciclo de violência podendo ser fatal na maioria das vezes.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo de estudo “A violência doméstica nas religiões”, sendo apontado como as religiões se silenciam diante de tais agressões e o porquê. E também, discorrerá sobre como as mulheres tem enfrentado o paradigma da submissão.

CAPÍTULO I

A VISÃO DA RELIGIÃO ACERCA DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA.

As religiões têm visões muito diversas sobre os direitos, responsabilidades e papéis apropriados para as mulheres exercerem em diferentes épocas e lugares.

Muitas religiões acreditam que mulheres e homens são espiritualmente iguais e que sua igualdade deve ser expressa na vida da Igreja. Enquanto algumas perspectivas dentro de algumas religiões defendem a igualdade entre os sexos, outras mais enraizadas no patriarcado do mundo antigo equiparam os princípios culturais aos princípios religiosos, para oprimir as mulheres.

A título de exemplo, uma forma mais patriarcal de cristianismo define um molde para as mulheres aderirem e limitar sua liberdade na igreja. De acordo com essas interpretações da Bíblia cristã, espera-se que as esposas sejam submissas de muitas maneiras. Elas são convidadas não apenas a serem submissas a seus maridos, mas à

igreja, sua comunidade e a Deus. "*À cabeça de cada família está um homem; à cabeça do homem está Cristo, e a cabeça de toda mulher é um homem, e a cabeça de Cristo é Deus.*" família, apenas a de seus maridos. Isso sugere que os homens estão em primeira mão no cristianismo e em outras religiões que seguem a mesma linha de pensamento, e aumenta a questão da desigualdade de direitos para as mulheres na religião.

1.1 NO ÍNICIO DEUS ERA MULHER, DEPOIS TORNOU-SE HOMEM.

Nas civilizações primordiais, os homínídeos viviam da coleta e da caça. Cada membro da comunidade tinha o seu afazer, os homens iam para as pequenas caças, enquanto as mulheres cuidavam da colheita e das crianças. Nesse período paleolítico,

os homens não tinham consciência de sua contribuição para a reprodução humana e em sua insipiência, o poder de gerador de vida era exclusivamente da mulher, portanto, para a cultura primitiva “Deus era representado pela figura da Mulher” (SCHLOGL, 2005, p.79), assim, as mulheres ocupavam um lugar central na comunidade.

A respeito disso, Farinha (2009,p.1), expõe que:

Analisando a representação da mulher na religião, vamos inicialmente ao encontro das sociedades de cultura de coleta e caça, nas quais segundo Muraro (1993) as mulheres tinham um papel central, vistas como sagradas devido sua capacidade de poder gerar vida e ajudar na fertilidade da terra e dos animais. O homem, por sua vez, não conhecia sua contribuição na procriação, imaginando que as mulheres engravidavam dos deuses. (FARINHA, 2009, p. 1)

Além de sua capacidade de reprodução, a mulher era santificada também pelo fato de ter “em si ciclos ou calendários de tempos instalados no próprio corpo. Ao homem cabia servir-se de orientações pelas luas e estrelas – orientações externas ao corpo” (DURÃES, 2009, p.132). Ocasionalmente assim, a “inveja do útero”, para compreender esse processo, Rosie Muraro, explica que:

Também nas sociedades de caça a mulher era considerada um ser sagrado, que possuía o privilégio dado pelos deuses de reproduzir a espécie. Os homens se sentiam marginalizados nesse processo e invejavam as mulheres. Essa primitiva "inveja do útero" dos homens é a antepassada da moderna "inveja do pênis" que sentem as mulheres nas culturas patriarcais mais recentes. (MURARO, 1993, p. 5)

Ademais, Jaqueline Sena Durães também relata que:

Conforme Muraro, “Nos grupos matricêntricos, as formas de associação entre homens e mulheres não incluíam nem a transmissão do poder nem a herança, por isso a liberdade em termos sexuais era maior.” (DURÃES, 2009, pp. 132 e 133)

Portanto, nas culturas matriarcais não havia desigualdade de gênero. Ademais, foi no período neolítico em que os homens começaram a tomar conhecimento de sua participação na reprodução humana, acarretando, assim, o processo de dominação. Além disso, outros fatores contribuíram para que o homem deixasse de ser inferiorizado e passasse a ser herói, é o que aponta Rosie Marie:

É só nas regiões em que a coleta é escassa, ou onde vão se esgotando os recursos naturais vegetais e os pequenos animais, que se inicia a caça sistemática aos grandes animais. E aí começam a se instalar a supremacia masculina e a competitividade entre os grupos na busca de novos territórios. Agora, para sobreviver, as sociedades têm de competir entre si por um alimento escasso. As guerras se tornam constantes e passam a ser mitificadas. Os homens mais valorizados são os heróis guerreiros. Começa a se romper a harmonia que ligava a espécie humana à natureza (...). As sociedades, então, se tornam patriarcais, isto é, os portadores dos valores e da sua transmissão são

os homens. Já não são mais os princípios feminino e masculino que governam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte. (...) (Muraro, 1993, pp. 6 e 7)

É nesse contexto em que há uma ruptura da sociedade matriarcal para a sociedade do patriarcado. Começa então, a subordinação da mulher ao homem, perdendo assim a sua capacidade de decisões e se restringindo ao lar.

Evidencia-se, portanto, as características de uma “sociedade patriarcal já nas sociedades pastoris descritas nas Sagradas Escrituras” (DURÃES, 2009, p. 133). Rose Marie explana na introdução do *Malleus maleficarum* que ao contrário das sociedades primitivas em que foi uma mulher que criou o mundo, aqui têm-se a figura de um criador macho, em suas palavras, Rose Marie Muraro explica:

Javé é deus único todo-poderoso, onipresente, e controla todos os seres humanos em todos os momentos da sua vida. Cria sozinho o mundo em sete dias e, no final, cria o homem. E só depois cria a mulher, assim mesmo a partir do homem. E coloca ambos no Jardim das Delícias onde o alimento é abundante e colhido sem trabalho. (MURARO, 1993, p. 8) .

Muraro, ainda aborda um trecho o livro *The Masks of God: Occidental Mytologic* (As máscaras de Deus: Mitologia Ocidental), escrito pelo americano Joseph Campbell. O autor traz em sua obra os quatros mitos mais conhecidos da criação. Jaqueline (DURÃES, 2009, pp. 133 e 134) citando Heinrich Kramer e James Sprenger explana que:

Na primeira etapa o mundo teria sido criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém; na segunda, por um deus andrógino ou um casal; na terceira um deus macho que ou cria o mundo ao tomar o poder de uma deusa ou através do corpo de uma deusa primordial. E, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 8)

Na quarta etapa descrita, pode-se perceber “em que momento da história da humanidade a Bíblia foi escrita” (DURÃES, 2009, p. 134). É com o surgimento das Sagradas Escrituras que se começa as primeiras evidências de desigualdade entre as mulheres e os homens. Se antes em um primeiro momento, tinha-se a mulher como deusa, agora os valores se inverteram, é o que explica Jaqueline Sena Durães:

Há todo um processo de inversão de valores em relação à primeira etapa. Na primeira etapa a mulher é divinizada e cultuada como geradora da vida e seu sangue era considerado fértil para a terra enquanto que no relato bíblico, a mulher levou o homem a pecar e como “castigo” irá parir e o seu sangue é visto como impuro, ou seja, parir deixa de ser um ato sagrado para significar sinal de inferioridade. Aquilo que antes lhe dava grandeza agora a faz impura e inferior. (DURÃES, 2009, p. 134).

Ademais, com a escritura do livro de gênesis, além de ser submissa e inferiorizada, também lhe é tirado o poder de gerar vidas e é atribuído o ato de parir aos homens, é o que explica Heinrich Kramer e James Sprenger:

Quando Deus cria o homem, Ele o cria só e apenas depois tira a companheira da costela deste. Em outras palavras: o primeiro homem dá à luz (pare) a primeira mulher. Esse fenômeno psicológico de deslocamento é um mecanismo de defesa conhecido por todos aqueles que lidam com a psique humana e serve para revelar escondendo. Tirar da costela é menos violento do que tirar do próprio ventre, mas, em outras palavras, aponta para a mesma direção. Agora, parir é ato que não está mais ligado ao sagrado e é, antes, uma vulnerabilidade do que uma força. A mulher se inferioriza pelo próprio fato de parir, que outrora lhe assegurava a grandeza. A grandeza agora pertence ao homem, que trabalha e domina a natureza. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 11).

Nesse momento, a mulher que antes era vista como deusa pelos homens, agora tem o seu conceito modificado, passando a ser entabulada como um ser pecaminoso em virtude de sua sensualidade, além de suas próprias emoções serem consideradas desestruturais para a ordem vigente. Nas explicações de Heinrich Kramer e James Sprenger caberia ao homem se precaver de todas maneiras contra a mulher “impedi-la de interferir nos processos decisórios, fazer com que ela introjete uma ideologia que a convença de sua própria inferioridade em relação ao homem” (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 11).

Ademais, preceitua Heinrich Kramer e James Sprenger que:

Da época em que foi escrito o Gênesis até os nossos dias, isto é, de alguns milênios para cá, essa narrativa básica da nossa cultura patriarcal tem servido ininterruptamente para manter a mulher em seu devido lugar. E, aliás, com muita eficiência. A partir desse texto, a mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflita as relações entre os homens. Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, se transforma no demônio, no tentador, na fonte de todo pecado. (KRAMER; SPRENGER, 1993, pp. 11 e 12).

Destarte, o conceito de mulheres nas civilizações primordiais era muito mais significativo e valoroso, isso, porque com a instituição do patriarcalismo, as mulheres segundo Muraro “são associadas à sedução, à traição e ao levar o homem para caminhos que os conduzem à derrota e à morte” (MURARO, 1993, p. 667). Além disso, as Sagradas Escrituras contribuíram para a dominação da mulher, uma vez que no livro de Gênesis, lavé fez a mulher da costela de Adão assim, a mulher “poderia ao mesmo tempo ser igual ao homem, mas submissa a ele desde o início. E o homem sempre adquiriria a segurança de ser o primeiro da natureza e da humanidade” (MURARO, 1993, p. 731).

Assim, a narrativa da gênese para as religiões de matrizes judaico-cristã, traz a criação da mulher como uma espécie de auxiliar para o homem, retirando desta, o protagonismo de ser criada igual ao homem, mas uma espécie de ramificação do ser masculino.

1.2 A VISÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA.

A Idade Média é iniciada com a consolidação e a expansão do Cristianismo em Roma. Esse período é marcado por muitas guerras e conflitos, por consequência os homens saíam de casa para a pelejar a batalha, deixando as mulheres em casa, tornando-as responsáveis por toda e qualquer decisão em sua ausência, porém, com sua chegada ao poder decisão “retornava” para o homem.

Heinrich Kramer e James Sprenger esclarece que:

Nesse período de conflito de valores, é muito confusa a situação da mulher. Contudo, ela tende a ocupar lugar de destaque no mundo das decisões, porque os homens se ausentavam muito e morriam nos períodos de guerra. Em poucas palavras: as mulheres eram jogadas para o domínio público quando havia escassez de homens e voltavam para o domínio privado quando os homens reassumiam o seu lugar na cultura. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 12)

Ainda sobre a questão, Rosie Marie Muraro pontua que:

A dicotomia público/privado começou a emergir de novo no início da Idade Média. Em geral, as mulheres fiavam, teciam, cuidavam dos animais e das hortas, enquanto os homens faziam o trabalho agrícola mais pesado e as guerras. As senhoras de alta estirpe, contudo, na ausência dos mandos, eram obrigadas a gerir suas vastas prioridades. Assim, o papel econômico das mulheres expandia-se ou se contraía com a presença ou ausência dos homens, e ausência era mais comum. (MURARO, 1993, p. 1080).

De acordo com Rosa Marie, as mulheres no início da Idade Média “eram importantes reservas de forças de trabalho, manipuladas de acordo com desejos e as necessidades dos homens” (MURARO, 1993, p. 1092). Nesse tempo, sob a condição da ausência dos homens, as mulheres também eram responsáveis pela propagação e conservação da cultura.

Além disso as mulheres tinham forte atuação no interior da Igreja institucional. O cristianismo em seu início era contra o patriarcado, pregava pela luta de igualdade entre os homens, mulheres, escravos e a limitações ao poder, além que o cristianismo tinha como fundamento os seguintes valores: amor, justiça, misericórdia. Porém, esses princípios acabaram caindo quando o cristianismo passou para a cultura do patriarcalismo.

Com a influência do patriarcado nas igrejas, a mulher passou a ser desprezada, pois, agora a sua imagem estava associada ao pecado. Deveria os homens se afastar das mulheres e dos prazeres, pois estes os afastaria de Deus e da transcendência. As únicas mulheres que fugiam dessa regra, era as celibatárias. Segundo Muraro “ o

celibato livrava as mulheres não só da sobrecarga de domesticidade e da reprodução como também do domínio masculino” (MURARO, 1993, p. 1105).

Até o século IX, “as mulheres consagradas foram pouco a pouco construindo suas próprias estruturas (...) até que acabaram se tornando muito poderosas e influentes” (MURARO, 1993, p. 1112). Porém, no Santo Império, Carlos Magno excluiu as mulheres de alguns papéis, como por exemplo as diáconas foram desautorizadas a ajudar na missa. Contudo, o Santo Império caiu, e os mostérios permaneceram. Rosa Marie aponta que:

Após a morte de Carlos Magno, tanto na Igreja quanto no mundo secular as mulheres foram recuperando seu poder e influência. Algumas não só controlavam vastos domínios como também reuniam exércitos para ajudar os seus soberanos. Podiam também servir como representantes dos reis e do Papa, como, por exemplo, na Dieta Germânica, e participavam plenamente de atividades políticas e econômicas. Esta situação durou cerca de quinhentos anos, do século VII ao XII. (MURARO, 1993, p. 1118).

Na alta Idade Média, cada vez mais eram impostas limitações as mulheres. Nesse período, as tradições orais foram convertidas em leis escritas, onde os homens adquiriram mais direitos e as mulheres, restrições. Por conseqüências desses atos, os homens passaram a estudar em escolas e universidades, onde as mulheres eram impedidas de entrar. Com a disponibilidade e interesse dos homens, aqui, as mulheres foram excluídas novamente da cultura e da política. “ A Igreja, também, centraliza-se sob a dominação masculina. As grandes abadessas são sucedidas por burocratas e uma hierarquia masculina” (MURARO, 1993, p. 2283).

Nos final do século XI, a reforma gregoriana, confina as mulheres, diminuindo as suas influências, dando início, assim, a uma doutrina misógina dentro das Igrejas. Para fugir da realidade que enfrentavam, muitas mulheres buscaram movimento como os cátaros. Além disso, instituíram os seus próprios movimentos, o mais conhecido é o Movimento das Beguinas que era caracterizado pela fuga ao patriarcalismo e isso atemorizava a Igreja.

Rose Marie explana que:

A reforma gregoriana impôs, além disso, estrito celibato aos padres, o que reforçou ainda mais a misoginia já existente. A partir daí, as mulheres eram vistas como as descendentes de Eva, símbolos do pecado e da tentação. Paralelamente à ênfase em Eva, vai surgindo na Igreja um aumento do culto à Virgem Maria, e a progressiva elevação da figura da Virgem Mãe se dá ao mesmo tempo em que cresce o medo da mulher no seio da Igreja. E quanto mais a Virgem era exaltada, mais as mulheres comuns eram consideradas longe do ideal da mulher encarnado por ela. (MURARO, 1993, p. 1147).

Foi a partir dessa comparação entre a Virgem Maria e as mulheres “normais” que começou famoso período de “Caça às Bruxas” que compreendeu entre os séculos XIV e XVIII, também conhecido como a repressão sistemática da mulher. Jaqueline Sena Durães, elucida sobre esse período que:

Mulheres eram queimadas vivas. Durante muitos séculos as mulheres, nas mais diversas tradições eram curadoras, parteiras e até mesmo xamãs. Na medida em que o Cristianismo foi se deparando com outras culturas, as práticas de curas com ervas e tratamentos caseiros foram entendidas como bruxaria. (DURÃES, 2009, p. 134).

Nesse período, o sistema de governo passou a ser mais centralizado e burocrático. Desse modo a teologia tornou-se mais metodizado e sua rigidez tornou-se de maior importância política. Rosa Marie explica:

Era a época da grande centralização de poder, que na Europa antecederam a criação das nações no sentido moderno do termo. Os Papas possuíam poder absoluto então. Eram capazes de criar ou destronar imperadores, mudar as fronteiras dos países e até lotear a vida eterna. Inocêncio III foi, em meados do século XIV, o mais poderoso dos homens dos últimos milênios. O conhecimento e o poder eram cercados de uma rigidez paranoica. A Igreja considera os elementos que não estavam totalmente sob o seu controle como não ortodoxos e, portanto, dignos de extermínio. (MURARO, 1993, p. 1176).

Naquela época quem realizava os cuidados com a saúde eram as mulheres. Eram elas as parteiras, curandeiras, cirurgiãs e quem manuseava as ervas. Ademais, Heinrich Kramer e James Sprenger acrescenta:

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 13).

A maioria dessas mulheres não cobravam pelo serviço prestado, trabalhando de graça ou de qualquer coisa que as mantivessem vivas. Com isso, “a perseguição às cirurgiãs e curadores tradicionais ia aumentando à medida que ia se solidificando o poder médico”(MURARO, 1993, p. 1183). Além disso, Heinrich Kramer e James Sprenger explica:

Mais tarde elas vieram a representar uma ameaça. Em primeiro lugar, ao poder médico, que vinha tomando corpo através das universidades no interior do sistema feudal. Em segundo, porque formavam organizações pontuais (comunidades) que, ao se juntarem, formavam vastas confrarias, as quais

trocavam entre si os segredos da cura do corpo e muitas vezes da alma. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 13)

Assim, mais uma vez o conhecimento da mulher abafado pelo saber científico do homem. Ademais, Marie Rosei explana que “a sexualidade feminina cede e se submete à sexualidade masculina. A frigidez é a norma. Mulher orgástica a partir desta época até muito recentemente era ou prostituta ou tinha parte com o demônio” (MURARO, 1993, p. 1183).

Nessa época foi criado pela igreja católica o Tribunal de Santo Ofício ou popularmente conhecido como Inquisição. A santa inquisição era um meio pelo qual a igreja se valia para condenar todos aqueles que eram contra os seus ensinamentos ou uma ameaça contra a igreja. Heinrich Kramer e James Sprenger explica:

Este "expurgo" visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e a guerra e que se rebelavam. E principalmente as mulheres. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 14)

Ademais, um estado de governa que se submete às normas da religião, infringir seus dogmas é considerado também uma violação política. O pior dos “pecados” naquela época era a transgressão sexual, está “reinava” em todas as camadas da sociedade, fossem pobres ou ricos. “Assim, os inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso” (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 15). Com isso criaram algumas teses para o expurgo feminino. São alguns exemplos citados por Heinrich Kramer e James Sprenger:

1) O demônio, com a permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas. 2) E este mal é feito prioritariamente através do corpo, único "lugar" onde o demônio pode entrar, pois "o espírito [do homem] é governado por Deus, a vontade por um anjo e o corpo pelas estrelas" (Parte 1, Questão 1). E porque as estrelas são inferiores aos espíritos e o demônio é um espírito superior, só lhe resta o corpo para dominar. 3) E este domínio lhe vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais. Pela sexualidade o demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens. 4) E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o demônio "porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta" (1,6). 5) A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é copular com o demônio. Satã é, portanto, o senhor do prazer. 6) Uma vez obtida a intimidade com o demônio, as feiticeiras são capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, abortos, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças nos animais etc. 7) E esses pecados eram mais hediondos do que os próprios pecados de Lúcifer quando da rebelião dos anjos e dos primeiros pais por ocasião da queda, porque agora as bruxas pecam contra Deus e o Redentor

(Cristo), e portanto este crime é imperdoável e por isso só pode ser resgatado com a tortura e a morte. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 15)

Nascendo assim o mais ilustre livro utilizado pelos inquisidores, *Malleus Maleficarum*, foi utilizado durante três séculos e acabou tornando-se uma bíblia para os inquisidores, estando presente em cada julgamento de santo ofício. Heinrich Kramer e James Sprenger trazem dados assustadores sobre essa época, segundo eles:

Deirdre English e Barbara Ehrenreich, em seu livro *Witches, Nurses and Midwives* (The Feminist Press, 1973), nos dão estatísticas aterradoras do que foi a queima de mulheres feiticeiras em fogueiras durante esses quatro séculos. "A extensão da caça às bruxas é espantosa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares de execuções - usualmente eram queimadas vivas na fogueira - na Alemanha, na Itália e em outros países. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa, começando pela França e pela Inglaterra. Um escritor estimou o número de execuções em seiscentas por ano para certas cidades, uma média de duas por dia, "exceto aos domingos". Novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Wertzberg, e cerca de mil na diocese de Como. Em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia; no arcebispado de Tricr, em 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com duas mulheres moradoras cada uma. Muitos escritores estimaram que o número total de mulheres executadas subia à casa dos milhões, e as mulheres constituíam 85% de todos Os bruxos e bruxas que foram executados. (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 13).

Portanto, ao longo da Idade da Média a visão do conceito da mulher vai se modificando. No início, sua autonomia dependia da ausência de seus maridos, quando eles retornavam assumiam novamente o comando familiar, cabendo as mulheres os seus afazeres cotidianos. Com o avançar dos anos, a ascensão da igreja e a centralização do poder, a visão da mulher agora era de um ser pecaminoso, aquela que é capaz de desviar o homem dos caminhos sagrados, consideradas como demônios por causa de sexualidade. E assim, essas ideologias levaram milhares de mulheres a perderem suas vidas, a serem torturadas, serem reprimidas.

É importante lembrar que essas mulheres no início das civilizações eram cultuadas como deusas, como seres divinos, "doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais" (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 16), agora não passam de um simples objeto manipulável pelo homem e como não bastasse domina-la, teria que culpa-la pelas suas transgressões, sendo considerada como "a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais" (KRAMER; SPRENGER, 1993, p. 16). Salienta-se, que nesse período, as mulheres já não têm mais acesso à educação e todo saber transmitido aos seus descendentes são advindos do patriarcalismo.

1.3 A VISÃO DA MULHER NA IDADE MODERNA.

A partir do século XVI surge um novo mundo e com ela uma nova concepção da figura da mulher. O mundo agora era marcado pela intensificação do comércio, conhecido como mercantilismo, nesse período surgiam uma nova forma de fabricação que por consequência aumentava a produção. Com a intensificação desse movimento, surge então no século XVIII a máquina a vapor, revolucionando o modo de produção que agora passaria a ser em massa. Essa inovação não afetava somente as indústrias, mais também a estrutura da civilização.

Já no século XIX, a Revolução Industrial foi propiciada pelo renascentismo. Foi nesse período que houve a institucionalização do sistema capitalista, além do abalamento das monarquias e o surgimento de repúblicas. Com esse mais “moderno” surge também uma nova religião: o protestantismo. Ao contrário da Igreja Católica, o protestantismo pregava que quanto mais rico fosse o homem mais honrado ele seria. Ao mesmo tempo que o protestantismo pregava a virtude do trabalho, também propagava a repressão ao prazer.

Assim, como antes, o protestantismo também usou as mulheres para se consolidar, é o que explica Rose Marie:

O feminino foi pouco a pouco sendo erradicado de seus quadros. Se as mulheres num primeiro momento ajudaram de maneira prática e significativa a revolução protestante e a implantação das novas denominações, à medida que estas iam se solidificando, iam sendo dominadas pelos homens. Como sempre, as mulheres eram usadas em períodos difíceis e perigosos e depois marginalizadas. (MURARO, 1993, p. 1319).

Ressalta-se que na Idade Média a educação dada para as mulheres era feita pelas freiras. Com a chegada do protestantismo findou-se os conventos e os mosteiros, sendo agora as mulheres agora educadas em escolas separadas para meninos e meninas. Assim, nasce uma nova idealização da mulher na era industrial que é base de quem somos hoje.

Agora com a industrialização e os homens saindo para prover o sustento de suas casas, “as mulheres são incentivadas a ficar em casa e a se dedicar inteiramente à família e aos filhos. Surge então a figura da dona-de-casa e da mãe dedicada e sofredora” (MURARO, 1993, p. 1331). Novamente, as mulheres são “radicalmente excluídas do domínio público que se cria a infância com regras próprias de conduta, educação, vestuários e gestos que conhecemos hoje” (MURARO, 1993, p. 1331).

Assim, surge um novo conceito de mulher. Podemos definir essa nova concepção nas palavras de Rosie Marie que alude:

Como agora a mulher fica reduzida a seu papel de procriadora, o lar passa a ser considerada uma ilha de amor dentro de um mundo destruidor e brutal. A mulher virtuosa passa a ser sua rainha. E os pilares da sua nova feminilidade são: a pureza, a piedade, religiosa e a submissão. (MURARO, 1993, p. 1334).

Além disso, surge uma outra questão, como agora o dever da mulher era cuidar de casa e da família, sua capacidade era reprimida, sendo agora, portanto o *locus* de doenças excêntricas. A respeito disso Muraro explica que:

De agora em diante, qualquer doença é explicada por influência das funções reprodutivas femininas. As mulheres passam a se tornar escravas do seu útero e dos seus ovários. Nasce a histérica, a frígida, a mulher com furor uterino etc. Todas as doenças femininas passam a ter um fundo sexual, e isto permanece durante muito tempo. Não é incomum nessa época que na Europa e nos Estados Unidos os médicos submetessem muitas mulheres à cliterodectomia (ablação do clitóris) para que lhe fosse facilitada a prática da virtude, pois a verdadeira mulher era unicamente a mulher fria, inorgástica e submissa. (MURARO, 1993, p. 1350).

Passado o tempo, na Revolução Francesa “foram mulheres que tomaram a Bastilha, e uma enorme multidão enfurecida de mulheres esfomeadas avançou sobre Versalhes no ato que pôs fim à monarquia” (MURARO, 1993, p. 1387). Com a destituição da monarquia, as mulheres foram reivindicar seus direitos junto a Assembleia do Povo, escreveram então a Declaração dos Direitos da Mulher e mais uma vez foram inferiorizadas, disseram a elas que Revolução Francesa seria a revolução do homem e, então suas precursoras foram brutalmente assassinadas.

Após a Revolução Francesa, no século XIX as mulheres ocupavam mais lugares nas massas operários do que os homens. Suas condições de trabalho eram precárias, não bastasse a jornada laboriosa, pesada, recebiam um terço dos que os homens recebiam. “O sistema industrial, que a princípio deveria ser libertador de energia e de mais vida, torna-se o tipo de escravidão mais sofisticado que a humanidade conheceu”(MURARO, 1993, p. 1418).

Na metade do século XIX, surge as primeiras reivindicações femininas. O principal objetivo de suas reivindicações era a supressão do patriarcado, inicia-se portanto, o primeiro movimento feminista. Esse movimento feminista pode ser chamado de sufragista, uma vez que lutavam pelo direito de votar. As sufragistas também lutavam pela abolição da escravidão e depois se uniram aos movimentos sindicais. Um dos movimentos sindicais mais conhecidos é aquele comemorado no dia 08 de março, o dia

das mulheres. Em breve palavras cento e cinquenta e oito mulheres foram queimadas vivas dentro da fábrica que trabalhavam por reivindicar melhores condições de trabalho.

Nesse período também criou-se novas classes de trabalhos para as mulheres “datilógrafas, telefonistas, professoras primárias, secretárias, balconistas, pequenas representantes da indústria de roupas femininas” (MURARO, 1993, p. 1476). As sufragistas incentivaram os sindicatos comandados pelas mulheres, isso porque, as classes sindicais que representavam as mulheres eram comandadas pelos homens.

Foi na metade do século XX que as sufragistas conseguiram o direito ao voto. No Brasil esse direito só foi conquistado em 1934. Mesmo assim “as mulheres votavam conservadoramente e ainda constituíam a grande massa dos marginalizados da força de trabalho” (MURARO, 1993, p. 1494). Entretanto, discorre Rosie Muraro que:

No início dos anos vinte, porém, uma espécie de revolução sexual acontece. As mulheres cortam os cabelos, levantam as saias, começam a pintar o rosto e a dançar o jazz. Algumas amarras se desfaz. Elas começam a procurar gratificação na vida sexual. Não é mais a mulher inorgástica que é o ideal, mas sim a mulher que é capaz de ter um orgasmo vaginal com seu marido. (MURARO, 1993, p. 1500).

Ainda no século XX, o mundo passou por duas grandes guerras mundiais, novamente então os homens saíram para pelejar na guerra e as mulheres outra vez ficaram em casa, cuidados filhos. Sucede que o dinheiro estava acabando e então a mulher precisou sair casa para prover o sustenta de sua família. “Trabalhava nas fábricas para sustentar a família e começava assim a ter uma jornada dupla de trabalho: uma na fábrica outra em casa” (DURÃES, 2009, p. 138).

Após a Segunda Guerra Mundial com o retorno dos homens para a casa, as mulheres se viram obrigadas novamente a serem dona de casa devendo deixar seus empregos para seus maridos. “Durante toda década de cinquenta, são bombardeadas com uma ideologia baseada em Freud de que a mulher verdadeira é a dona de casa e a boa mãe” (MURARO, 2009, p. 1887), ou seja, aquela que não disputa com o homem. Além do mais, é nessa época também que ocorre as grandes superproduções, sendo necessário, assim aumentar o consumo. Surge então propagandas voltadas para as mulheres. Jaqueline Sena Durães explica:

A tendência surge nos Estados Unidos, com o American Way of Life, e depois será imitada na Europa e no Brasil. “Com o advento da televisão e dos primeiros comerciais ao vivo, a própria mulher vendia produtos destinados ao público feminino, por intermédio das garotas-propaganda.” (GORETTI, apud BERNARDES, 2004). (DURÃES, 2009, p. 138)

Ademais, surge novamente na segunda metade do século XX, os movimentos feministas. Uma das causas do sucesso do feminismo é a sua desqualificação para o mercado de trabalho, problema esse gerado há anos. Isso faz com que as mulheres reivindiquem os seus direitos. Nos anos setenta, as mulheres iniciadas no mercado e recebidos seus salários, não se calam mais. Começam a levantar questões sobre a qualidade de suas relações com os homens, passam agora a quer ter orgasmos e não serem consideradas mais como objetos. “As relações de dominação sobre a mulher são questionadas pelos movimentos feministas, que começam a criar poderosas correntes de opinião pública” (MURARO, 1993, p. 1938).

No decorrer dos anos as mulheres cada vez mais vão lutando pelos seus direitos, lutando por um espaço no domínio público, apesar de algumas repressões, seguem firmes lutando pelos seus objetivos. Com a entrada para o domínio público e as reivindicações realizadas pelas mulheres o homem começa a entrar no domínio privado. Portanto, os homens começam a ajudar nos afazeres domésticos, a cuidarem dos filhos. Ademais, as mulheres também começam a fazer parte de grandes descobertas, como por exemplo o descobrimento do átomo.

Cada vez mais ao longo do tempo as mulheres vêm buscando pelos seus direitos, por igualdades, por uma concepção de que não precisam ser inferiorizadas ou endemoniadas porque gostarem do prazer. Mesmo com os avanços das humanidades, com as lutas feministas, as mulheres ainda são vistas como objetos de dominação, seres frágeis e que não merecem o espaço na sociedade. Desde a Idade Média os conceitos têm sofrido grandes variações, alguns destes mataram mais mil de mulheres e os outros continuaram colocando a mulher como culpada pelos pecados dos homens e como seres inferiores.

Essa construção de mulher realizada pela cultura patriarcal tem cada vez mais se reduzindo, porém, ainda em pleno século XXI as mulheres sofrem constantemente com sua sensualidade, com suas vestimentas, com as violências sofridas em nome da submissão. Atualmente, as Igrejas ainda exercem muita influência na sociedade e isso ainda é bastante prejudicial para as mulheres porque assim como antes, ainda são consideradas culpadas pelas transgressões do homem. É no decorrer desse trabalho que analisaremos qual a contribuição das igrejas para o aumento nos casos de violência de doméstica.

CAPÍTULO II .

A OPRESSÃO RELIGIOSA DENTRO DO AMBIENTE DOMÉSTICO.

Com o passar do anos e a modernização da sociedade, ainda se tem a institucionalização do patriarcalismo e a ideia da família tradicional (pai, mãe e filhos) e nessa relação a esposa e os filhos estão submissos a vontade do homem, denominado cabeça da casa por muitas religiões, pois o homem é considerado o guia da tomada de decisões e, assim tem sido desde que o homem tomou conhecimento da sua participação na reprodução humana, surgindo então o patriarcalismo.

O patriarcado ganhou reforços e se tornou mais consolidado na sociedade com o surgimento da igreja, que acabou fortalecendo a ideia de inferiorização da mulher e que esta devia ser dominada, por ser um sujeito pecaminoso e levar ao homem a perdição. Tal ideologia ainda é fortemente presente na sociedade atual.

A princípio a palavra religião reflete instantaneamente a ideia de amor, bondade, acolhimento, ajuda ao próximo e por diversas vezes pode ser associada ao local onde

vamos para realizar nossas preces, pedindo alento as nossas almas e solução para os nossos problemas. Porém, a religião desde o seu nascimento vem instituído tabus ao longo da história, principalmente em relação as mulheres. Mais o que são os tabus? O dicionário da língua portuguesa define tabus como “proibição que leva alguém a não fazer alguma coisa por medo de castigo divino ou sobrenatural”. A implicância destes tabus no lar aparentemente seguro para mulher é que segundo Daniéli Busanello Krob “os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento” (KROB, 2016, p. 209).

Além disso, ainda de acordo com a autora mencionada “um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo.” (KROB, 2016, p. 209), com isso as mulheres se sujeitam a qualquer coisa para manter sua família unida e impõe para si mesma que essa situação é alguma provação, pelo

qual tenha que passar para ter sua vitória, é encarado na maioria das vezes como sacrifícios a serem realizados em prol da família perfeita. As autoras Maria José F. Rosado Nunes e Maria Teresa Citeli entende que:

(...)a afirmação de que o sacrifício é o caminho para a salvação, o discurso da “vontade de Deus” para justificar e legitimar determinadas práticas e atitudes é outro fator que tanto contribui para manter as mulheres submetidas à agressão e à naturalização da violência e sua reprodução. (NUNES, CITELI, 2010, p. 6)

Outrossim, na maioria das vezes os discursos religiosos de forma sutil acaba preconizando a violência contra mulher quando diz por exemplo “vós mulheres sujeitas aos vossos maridos”, as escritoras Maria José F. Rosado Nunes e Maria Teresa Citeli explicam que:

(...)vem-se mantendo durante séculos e séculos através do poder simbólico que essa instituição detém, o que dificulta a percepção do potencial de violência que subjaz em seu discurso e em sua prática, sobretudo em relação às mulheres. Esse modo de proceder vem-se constituindo um verdadeiro alicerce para promover a desvalorização feminina, reforçar padrões de violência e de dominação masculina e contribuir para limitar o exercício da cidadania e dos direitos humanos. (NUNES, CITELI, 2010, p. 5).

Outro fator importante que acaba contribuindo para a violência doméstica é que muitas mulheres buscam as entidades religiosas para obterem respostas diante dos percalços que tem sofrido em sua vida, buscam responder a mudança brusca no comportamento do parceiro que até então “era o mais perfeito cavaleiro”. Daniéli Busanello Krob aduz que:

Muitas mulheres buscam compreender a relação de violência que sofrem através da religião. Querem entender o porquê de seu sofrimento e de sua permanência na relação violenta. Buscam na religião respostas para a transformação do companheiro, que antes jurou amá-la e respeitá-la, mas que agora a agride violenta e sistematicamente.⁵ Essa busca de compreensão pode se dar, frequentemente, através da oração, do diálogo com Deus. Muitas vezes, essa busca – ou até mesmo algum aconselhamento religioso – as direcionam para a história da crucificação de Jesus. (KROB, 2016, p. 210).

Sandra Eliane Oliveira Pinheiro reitera essa ideia, de acordo com a autora:

Muitas mulheres buscam, através da religião, compreender a relação de violência que sofrem. Procuram compreender o porquê de seu sofrimento e de sua permanência na relação violenta. Buscam na religião respostas para a transformação do companheiro, que antes jurou amá-la e respeitá-la, mas que agora a agride violenta e sistematicamente. Essa busca pode se dar, frequentemente, através da oração, do diálogo com Deus. Em muitas situações, os aconselhamentos religiosos as direcionam para a história do sacrifício de Jesus na cruz. Dessa maneira, cria-se uma espécie de conformação com a situação de violência através do sofrimento de Jesus, pois não há maior sofrimento. (PINHEIRO, 2019, p. 47)

Os princípios religiosos estão tão incrustado na sociedade que passam despercebidos, uns dos exemplos mais simbólicos é a perpetuação do patriarcado na sociedade, a constituição da família tradicional, onde os homens são os líderes e as mulheres submetidas ao seu esposo, que hora são filhas e estão sujeitadas ao seu pai, assim como seus filhos submetidos a governança de seu marido. Esse é o exemplo mais comum sofrido pela mulher e que muitas vezes é despercebido por ela mesma. É o que sustenta a Daniéli Busanello Krob em seu artigo, em suas palavras ela elucida que:

Os valores religiosos atuam com grande força no plano simbólico e subjetivo. “A inferiorização das mulheres veiculada por discursos religiosos é uma forma de violência simbólica, implementada através de representações sociais.”⁷ Um exemplo que está configurado e sustentado nos valores religiosos é o modelo tradicional da configuração familiar patriarcal, com relações heterossexuais, chefias masculinas e submissão dos filhos e filhas e da mulher ao pai e marido.⁸ As mulheres estão submetidas a uma violência simbólica tão incrustada na sociedade, que muitas vezes nem percebem o que acontece. (KROB, 2016, p. 210).

Ademais, Sandra Eliane Oliveira Pinheiro aponta que:

(...) quando vemos a religião ensinando que mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, compreendemos que de certa forma acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres dentro da Igreja, como na caça às bruxas¹¹, nas discriminações biológicas, nas omissões em relações conjugais violentas, contribuíram para que sociedade e cultura discriminassem as mulheres. “A Igreja é um lugar de formação e influência sobre indivíduos que passam a agir socialmente” (BERGESCH, 2006, p. 114). (PINHEIRO, 2019, p. 48).

A realidade é que a junção do patriarcado com a religião contribuíram de forma expressiva para a inferiorização da mulher, colocando-a em posição de ser frágil, dependente e atribuindo-lhe o papel de uma boa dona de casa, boa mãe e boa esposa, aquela que para manter o lar em que vive busca suportar todo o peso de uma jornada dolorosa e de constantes agressões, sendo física e/ou psicológica.

Na grande maioria, as religiões em seus ensinamentos pregam que as mulheres devem ser submissas, passiva, obediente aos seus companheiros e acabam por consequência produzindo e reproduzindo a violência em suas formas diversas. A interpretação errônea da bíblia por parte dos líderes religiosos contribuem de forma expressiva para discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres, sustentando assim a preservação da violência sofrida pela mulher é o que afirma Daniéli Busanello Krob:

Quando a religião ensina que as mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos

sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência. (KROB, 2016 p.211)

Ao longo da história da humanidade, como se sabe as mulheres vem sendo depreciada e domada pelos homens, muitos teólogos favoreceu para essa linha de pensamento, sob o argumento da filosofia clássica que o homem era um ser superior, assim deveria subjugar a mulher. Além disso, autora Daniéli Busanello Krob, traz alguns exemplos de teólogos que contribuíram para esse ideologia. Segundo ela, são:

Agostinho, por exemplo, em *De Trinitate*, afirmava que a mulher estaria privada de ser a imagem de Deus simplesmente pelo fato de ser mulher. Tomás de Aquino, na *Summa Teologica*, defendia que as mulheres possuíam uma natureza inferior e que, por isso, deveriam sujeitar-se aos homens. Para Lutero, a autoridade do marido representava uma autoridade sagrada, tendo as mulheres que se submeterem sem questionamentos. Calvino, por sua vez, afirmava que as mulheres deveriam permanecer no casamento mesmo havendo violência física, pois o marido possui autoridade sobre a esposa. (KROB, 2016, p. 212).

A igreja, conforme dito anteriormente é um lugar onde vamos para encontrar paz, refúgio e são essas razões que fazem uma mulher vítima de violência doméstica buscar a igreja. Além disso, as mulheres também buscar o espaço religioso pelo fato de seus líderes serem considerados “santos” e estarem livres de sacrílegos, no entanto mal sabem que ao procurarem as igrejas podem perpetuar a violência sofrida que a levam a fatalidade. É certo que em diversos ambientes religiosos os seus líderes/representantes “estão inseridos/as no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem, na maioria das vezes, para a manutenção desta organização social” (KROB, 2016, p. 213). A título de exemplo seria que o homem é sempre perdoado dos seus pecados e nunca são culpados disso, entretanto, a mulher é sempre culpada pelo pecaods e dão causas a eles, outro exemplo importante, é quando ocorre um estupro, é comumente ouvirmos “ela provocou”; “seu short era curto”; “ela é muito sensual e queria”, frases como essas é dita em grande maioria, senão em todo caso desse tipo de crime.

Daniéli Busanello Krob citando Yury Puello Orozco, explica que:

[...] a reprodução é um dom divino, e a sexualidade constitui um meio para alcançar o fim divino da reprodução. Esta concepção religiosa justifica a desapropriação do corpo das mulheres e abre espaço para a violência contra elas quando querem exercer seus direitos de autonomia e liberdade [...] Existe uma visão tradicional que torna as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas (KROB, 2016, p. 213, *apud* OROZCO, 2009, p. 138).

Portanto, o estabelecimento da dominação do homem a mulher no período neolítico e tempos depois o surgimento das entidades religiosas criaram e consolidaram a inferiorização da mulher e a sua subordinação ao homem ao longo da história humana. Devendo a mulher, segundo os ensinamentos religiosos passado de geração em geração ser obedientes, passiva e submissas. Assim, ao buscar as entidades religiosas, “sente seu sofrimento diminuído, banalizado e naturalizado, passando a entender que o sofrer faz parte do ser mulher” (KROB, 2016, p. 213), colaborando significativamente para violência doméstica sofrida pela mulher e sua perpetuação na sociedade ao omitir e não denunciar as agressões sofridas pelas mulheres. Daniéli Busanello Krob citando Karen Bergesch sintetiza que “A mulher é desrespeitada, pois a teologia tradicional não considera o sofrimento feminino em sua reflexão. Pelo contrário, a mulher recebe a culpa sobre si por ter introduzido o pecado no mundo.” (KROB, 2016, p. 214 *apud* BERGESCH, 2006, p. 119).

2.1 O ÍNDICE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica em seu conceito geral é toda e qualquer forma de violência praticada dentre os membros do ambiente familiar. Especificamente, abordaremos sobre a violência doméstica contra a mulher, de acordo com o art. 5º da Lei 11.340/2006, que alude:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Portanto, de acordo com o artigo referido a violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. Com isso, adentramos então aos tipos de violência doméstico que está disposto no art. 7º da Lei Maria da Penha:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Resumidamente, a violência física pode ser entendida como a prática de uma conduta que lesione a integridade física corporal da mulher, como por exemplo: espancamento, enforcamento, lesões com objetos cortantes, tapas na cara, puxões de cabelo, etc. A violência psicológica ocorre quando há dano emocional na mulher, nesse caso o agressor usa de suas manipulações para ter um controle sobre a vítima. A violência sexual, consiste quando o agressor tenta manter relações sexuais sem a vontade/consentimento da vítima, usando de sua força e até mesmo ameaça para que ocorra tal ato libidinoso. A violência patrimonial consiste na subtração, retenção, destruição parcial ou total dos bens pertencentes a vítima. E por último, a violência moral na conduta que configure calúnia, difamação e injúria.

Após essa breve introdução ao conceito de violência doméstica e os tipos de violências sofrido pela mulher, versaremos sobre os índices da violência doméstica no Brasil. Pois bem, segundo a matéria publicada em 2019 no site o Globo, a cada 2 (dois) minutos uma mulher sofre uma agressão. Na reportagem Cleide Carvalho traz dados alarmantes sobre os casos de violência doméstica:

Ao longo do ano passado, as polícias civis de 21 estados brasileiros fizeram 349.942 pedidos de medidas protetivas de urgência. — **Foram 958 pedidos por dia.** Isso dá ideia do impacto da violência doméstica na rotina policial e na Justiça — diz Samira Bueno, diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entidade responsável pela coleta e análise dos dados.

Outro agravante que contribuiu para o aumento do índice da violência doméstica no Brasil é o período pandêmico que estamos vivendo. Segundo Paula Paiva Paulo:

uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência no último ano no Brasil, durante a pandemia de Covid, segundo pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). (PAULO, 2021).

Além disso, de acordo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no período que compreende 01/01/2021 a 29/08/2021 foram mais de cinquenta e sete mil denúncias e mais de duzentos e quarenta e três mil violações contra a mulher. Ou seja, durante esse período foram efetuados em média 237 denúncias por dia.

Além disso, em uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA) e Serviço Social do Comércio (SENAC) em 2010, apontou que 40% (quarenta por cento) das mulheres já sofreram algum tipo de violência. Abaixo o quadro dos tipos de violências sofridos por essas mulheres:

Síntese das violências sofridas por mulheres

40% das entrevistas disseram já ter sofrido algum tipo de violência. Dentre as violências relatadas estão:

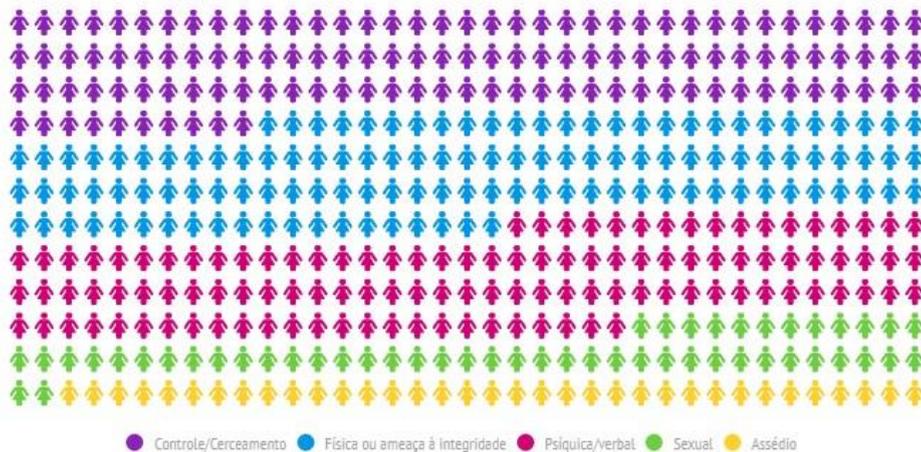


Figura 1- Painel de dados da FPA/SENAC 2010

Outrossim, a pesquisa Perfil das Ocorrências Policiais de Violência Contra a Mulher realizada pelos estudantes Daniele Ferreira Acosta, Vera Lucia de Oliveira Gomes e Edison Luiz Devos Barlem de enfermagens da Universidade Federal do Rio Grande em 2013 concluíram os seguintes resultados acerca dos tipos de violência e a porcentagem de registro naquele ano:

Tabela 2. Tipos de violência

Tipos de violência	Registros n(%)
Violência física	431(47,9)
Violência psicológica	400(44,4)
Violência sexual	40(4,4)
Violência patrimonial	23(2,5)
Violência moral	8(0,9)

Figura 2 Painel de Dados Perfil da Ocorrências Policiais de Violência Contra a Mulher, 2013.

Ademais, de acordo com os dados publicados pelo site Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a grande maioria das mulheres declararam possuir alguma crença religiosa, chegando ao seguinte apontamento:

Religião da vítima	Denúncias	Violações
*(N/D)	144.309	534.909
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	30.224	122.874
SEM RELIGIÃO	7.983	32.091
ASSEMBLEIA DE DEUS	6.806	29.055
EVANGELHO QUADRANGULAR	4.749	19.259
OUTROS PENTECOSTAIS/NEOPENTECOSTAIS	2.726	10.997
OUTRAS RELIGIÕES	2.401	9.444
ESPIRITISMO	1.799	7.154
CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	1.546	7.124
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	1.456	5.968
BATISTA	1.267	5.191

CATÓLICA APOSTÓLICA R...	24,118	5,261
SEM RELIGIÃO	5,929	1,827
ASSEMBLEIA DE DEUS	5,654	896
EVANGELHO QUADRANGU...	4,040	583
OUTROS PENTECOSTAIS/...	2,346	322
OUTRAS RELIGIÕES	1,958	388
ESPIRITISMO	1,522	235
CONGREGAÇÃO CRISTÃ N...	1,303	194

Figura 3 Perfil de Dados MDH, 2021

1

Também de acordo com a Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo/Sesc, 2010), obtive os seguintes resultados sobre a fé de cada mulher entrevistada:

¹ https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh/copy_of_dados-atuais-2021

MULHERES		
	2001	2010
RELIGIÃO		
CATÓLICA	69%	63%
praticante	40%	36%
não praticante	29%	28%
EVANGÉLICA	22%	25%
pentecostal	13%	17%
não pentecostal	9%	9%
ESPÍRITA	4%	5%
KARDECISTA	3%	4%
UMBANDA/CANDOMBLÉ	1%	2%
OUTRAS	3%	4%
NÃO TEM RELIGIÃO	5%	6%
Acredita em Deus, mas não tem religião	5%	5%
É ateia(eu)/ não acredita em Deus/ agnóstica(o)	*	1%

Figura 4 Painel de dados da FPA/SENAC 2010

Ademais, de acordo com a matéria produzida pela jornalista Michelle Souza publicado no site UOL em 2017 em que entrevistou a teóloga e feminista Valéria Vilhena cerca de 40% (quarenta por cento) das mulheres que sofreram violência doméstica se declararam evangélicas.

Diante dos dados expostos acima, podemos fazer a relação entre os índices da violência doméstica e as crenças religiosas das vítimas. Conforme aludido antes a institucionalização do patriarcado e sua perpetuação pelas Igrejas contribuíram e contribui até os dias de hoje expressivamente para a inferiorização, desvalorização da mulher pelos representantes religiosos dessas instituições, pois suas interpretações distorcidas da sagradas escrituras corroboram para essa fatalidade, que culpam a mulher em si pelos pecados da humanidade e que suas dores, frustrações e principalmente as agressões sofridas, como dito anteriormente, são sacrifícios ao quais a mulher tenha que passar.

Outro aspecto relevante que corroboram para que as taxas de violências domésticas sejam altas no meio religioso é o fato da igreja ser considerado um lugar sagrado, seguro, de muita paz, luz e os seus líderes religiosos serem considerado santos perante a congregação, pois nos pensamentos de uma mulher vítima de agressão o templo cristão é o seu lugar de refúgio. Não apenas o lugar para seu consolo, mais também um local para elevar seus pensamentos a Deus e pedir piedosamente que seu sofrimento e ciclo de agressividades tenha fim. E em sua angústia constante procura os seus líderes religiosos para aconselhamento matrimonial e são nessas palavras em tom suaves que eles dizem: “vamos orar; isso vai passar, é só um vendaval” e assim se omitem e silenciam as vítimas de agressões domésticas, é o que afirma a reportagem feita pela jornalista Anna Virginia Balloussier que diz:

Primeiro, há machismo embutido no discurso de alguns pastores que pregam a submissão feminina, baseados em versículos bíblicos como este do Novo Testamento: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher”. (BALLOUSSIER, 2021, p. 1)
 Mulheres de fé também relatam mais dificuldade de quebrar o ciclo de agressões por aprenderem em suas igrejas que uma oração bem feita é melhor do que um boletim de ocorrência registrado (BALLOUSSIER, 2021, p. 1)

A reportagem acima mencionada, traz vários relatos de mulheres que sofreram constantemente com essa omissão dos representantes religiosos e que entraram nos índices acima descritos, a título de exemplo, vejamos:

A tradutora Silvia, 67, já viu esse filme antes. Casou em 1978 com outro evangélico. “Eu não percebia, ou não queria perceber, o quão machista ele era. Coisas do tipo: batom vermelho é muito chamativo, jeans de cintura baixa... Nada disso ‘ficava bem’ para uma moça crente”, diz à reportagem. Ele passou a ser agressivo também com os dois filhos que tiveram. “Quando eu interferia para que não batesse nas crianças, ele me batia”, conta Silvia (seu nome foi trocado a pedido dela). Mesmo cientes dos abusos, o pastor e os outros membros da igreja silenciaram. “Para o pessoal da igreja isso era normal. Acontecia com muitas jovens. E não havia lugar para este tipo de reclamações, que pareciam irrelevantes.” A escalada de violência culminou no dia em que “ele chegou transtornado em casa, me bateu e começou a dizer que ia me matar, como que drogado”. Silvia pegou os filhos e foi embora de vez. Ouviu recriminações do entorno religioso. “Se seu marido a trata mal é porque ela está errando em alguns coisa e não estava sendo uma esposa cristã”, escutou. “Mais de uma ‘irmã’ da igreja chegou a me perguntar o que de tão sério eu havia feito para ele tentar me matar.” Para a tradutora, quando a cultura religiosa (que ela prefere nem classificar como cristã) “se omite em relação à opressão do patriarcado, ela favorece, sim, a violência doméstica”.

Essa é apenas uma de muitas histórias que são vivenciadas a cada 2 minutos por uma mulher que é vítima de agressão doméstica. Fato é que os índices de violência contra mulher já são preocupantes, mesmo diante em vigor da Lei Maria da Penha, pois em um todo existe inúmeros fatores que contribui para que os dados a cada sejam assustador, sendo um dos principais a omissão e a falta de posicionamento das igrejas diante de um problema tão grave quanto esse, que será abordado no próximo capítulo.

Portanto, pode-se afirmar que há uma relação entre os altos índices de violência doméstica e as instituições religiosas, diante de sua falta de ação ao tomar conhecimentos de tais acontecimentos graves de agressões e agindo apenas para o silenciamento das agressividades.

CAPÍTULO III

. O ENFRENTAMENTO DA PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PELAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS.

Restou demonstrado no capítulo anterior a contribuição das instituições religiosas para os elevados índices da violência doméstica e como a opressão religiosa contribui para a formação do ciclo da violência contra a mulher. Salienta-se que as instituições religiosas é apenas uma das vastas causas que contribuem para os elevados índices da violência doméstica.

As instituições religiosas por serem uma das várias instituições sociais presente nas sociedades transmite a comunidade seriedade, compromisso com seus fiéis, um ambiente de união, de seguranças, já os seus representantes são considerados “sagrados” e intocáveis perante os membros, idôneos, que possui uma retidão perante Deus, exercendo forte influência na comunidade local e no sociedade em si, porém, é nesse poder que reside a ameaça.

Os representantes religiosos ao lerem as sagradas escrituras para pregar o sermão nos templos religiosos acabam enfatizando e exaltando o sofrimento, ensinando os membros da igreja a suportar todas as atribuições como Cristo suportou. Além disso, ressaltam também a submissão da mulher ao seu cônjuge, pois, este considerado cabeça da casa, toda e qualquer decisão deve ser feita exclusivamente pelo homem, para fundamentar suas interpretações os líderes religiosos utilizam da seguinte passagem bíblica:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; **porque o marido é o cabeça da mulher**, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, **assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.** (Efésios 5:22)

Assim, ensinam aos membros da igreja que as mulheres devem ser submissas, passivas, obedientes aos seus maridos. Conseqüentemente, esse discurso abre

precedentes para que o homem use como justificativa as ações agressivas dentro da sua casa, exercendo sua autoridade sobre a mulher e seus filhos em nome das sagradas escrituras. Sobre esses ensinamentos errôneos, Camila da Silva citando o Padre Cleiton, expõe que “infelizmente, falsos entendimentos da Bíblia são usados para acobertar a violência contra as mulheres” (SILVA, 2019, p. 4, *apude*, SILVA, 2019). Portanto, os discursos dos representantes religiosos contribui para a preservação do ciclo da violência doméstica.

Na teologia presente nos ensinamentos religiosos destaca, primeiramente que Eva instituiu o pecado no mundo passando esse encargo para as mulheres. Depois, ressalta a função da mulher no seio de sua família, incumbindo-lhe de ser uma boa dona de casa, mãe, esposa, também ministram que a mulher não tem direito sobre o seu corpo, como por exemplo o tão polêmico direito ao abortou e/ou até mesmo sobre suas vestimentas, cabelos, etc. Além disso, a religião cobra da mulher ser leal ao seu esposo.

Explana Valéria Vilhena que:

A força teológica nos sermões e dos conselhos pastorais sobre o papel da mulher na família, sobre o seu não direito ao seu próprio corpo, a culpa de Eva transferida a todas as mulheres, pois por Eva o pecado entrou no mundo e assim tudo passou a ficar perdido, a exigência de fidelidade conjugal, nem sempre cobrada com a mesma ênfase a seus maridos, a doutrina da ‘endemonização’, o cuidado da casa e dos filhos, a manutenção da harmonia do lar, a paciência, o sacrifício, a abnegação e a tolerância como atributos femininos pesam sobre as mulheres no decorrer de séculos de história. (VILHENA, p. 120)

Sandra Eliane Pinheiro faz a seguinte explanação sobre o discurso:

Para Bordieu (1997), os discursos têm linguagens próprias e cada campo produz discursos competentes, dos quais se expressam por meio de oradores legítimos, ou seja, oradores autorizados a falar em nome deste campo. “O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta voz cujas palavras(...) constituem no máximo um testemunho entre outros de garantia de delegação de que ele está investido” (p.87,89). Logo, esse porta-voz está conferido de poder simbólico que fora outorgado pelo seu grupo. Há também uma linguagem institucional, por isso, a força da linguagem está no campo e não no orador, é a estrutura do campo que determina as regras. Como resultado os valores sociais são mediados resultando a conduta humana. (PINHEIRO, 2019, p. 54).

Conforme a autora mencionada acima, os discursos são capazes de produzir valores sociais o resultados na conduta humana. Assim, portanto, com esses sermão proferidos pelos representantes religiosos cria-se e sustenta a ideia da mulher como um ser inferiorizada, submissa, como aquela que é considerada perdição para homens por levar o fardo da introdução do pecado, instituindo um valor social a respeito da mulher. Diante disto, pode-se falar então como a primeira forma para manutenção da violência contra mulher: o discurso religioso.

As mulheres vítimas de violência ao buscarem os templos religiosos, vão com a intuição de buscar paz e amenizar o seu sofrimento. Buscam, também, entender as ações agressivas de seu marido e ao conversar sobre a situação vivenciada de constantes agressões com os líderes religiosos, ouvem que devem orar pelos seu maridos para sejam libertos, que é o demônio que está fazendo isso, entre outras desculpas para livrar o homem de ser culpados pelas suas ações. Camila da Silva em seu artigo traz um depoimento de uma vítima que procurou a Igreja para compreender as atitudes de seu parceiro e escutou as seguintes frases:

“A mulher tem que lutar pelo casamento. É o diabo fazendo seu marido beber. É o diabo fazendo seu marido trair”, foi o que Adriana* ouviu do pastor da Igreja Universal que frequentava em um dos cultos semanais. E, depois disso, chegou a voltar com o companheiro, sofrendo uma série de outras agressões. (SILVA, 2019)

Nota-se que a linha de justificativas é sempre a mesma, é retirado a responsabilidade das ações agressivas do homem e a culpa sempre recai em terceiros, mas nunca cai sobre o homem. Além disso, os discursos religiosos acabam enfatizando essa culpabilidade de terceiros e pode resultar na vitimização do homem. Também, os sermão evidencia que o sofrer faz parte e que deve a mulher orar e acreditar na mudança do seu por parceiro. Sobre essas ideologias, Sandra Eliane Pinheiro explica:

Assim também, os conflitos familiares são interpretados como comportamentos desviantes, como a traição, as agressões físicas, o alcoolismo, são justificados como uma força do mal, como “possessão demoníaca”, assim, o agressor não se torna responsável por seu comportamento. Mas suas atitudes são justificadas que “um espírito maligno” está agindo para destruir a família. Muitos são os desafios encontrados por mulheres que vivem em situação de violência, e como a religião vai de encontro a essas necessidades. A fala de uma das mulheres entrevistadas por Vilhena (2009, p. 93), sintetiza bem esta questão: “a fé remove montanhas, acreditar, perseverar – o inimigo fica furioso, mas ele está 53 derrotado. O inimigo usa ele [...]”. Desta forma, o marido passa a ser a própria “vítima” de “ações demoníacas”, isentando-se de todo e qualquer julgamento moral. (...)Acima de tudo, ao entregar o problema para Deus, a mulher passa então a esperar o “milagre” e ver o que Deus vai fazer. Vilhena (2009) aponta que por acreditarem que é o demônio que está influenciando seus maridos, as mulheres sentem-se culpadas quando chegam a denunciar seus cônjuges, como se estivessem traindo a Deus e a comunidade religiosa, ou como se não tivessem fé o suficiente para esperar que Deus fizesse o milagre que mudaria a realidade de suas famílias. (PINHEIRO, 2019, pp. 52-53).

Ademais, percebe-se também outros dois fatores que contribuem para a manutenção da violência contra a mulher no ambiente doméstico: o silêncio e a omissão. Aplicando os fatores as instituições religiosas, temos: o silêncio das religiões em não expor o caso da vítima de violência e a omissão em não agir para que essa mulher não sofra mais agressões, como por exemplo denunciar no 180.

Essa omissão das entidades religiosas acabam perpetuado o ciclo da violência doméstica sofrido pelos mulher, é o alude Sandra Eliane Pinheiro:

Algumas Igrejas Evangélicas pactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática. “Ignorar as mulheres, não levá-las em conta, não referir-se a elas é uma forma de Menosprezá-las e negar-lhes o lugar que lhes corresponde na sociedade e nas Igrejas” (CALABRESE, 1998, p. 51). Ao comportarem-se frente à violência contra as mulheres como algo banal, segundo colaciona Calabrese, as Igrejas acabam legitimando sua prática, reforçando assim a visão de mundo patriarcal na qual o homem pode e deve exercer seu poder e autoridade sobre a mulher e sobre os filhos e filhas. (PINHEIRO, 2019, p. 50).

Reforçando essa ideia, Danie, afirma que:

As Igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática. (5)

A partir dessas ideologias, pode-se concluir então a criação da cultura do silêncio e da omissão das entidades religiosas sobre a problemática da violência doméstica, atuando, as instituições religiosas como coadjuvantes para o aumento de casos e os elevados índices da violência contra a mulher. Assim, a solução apresentada pelos líderes religiosas para a mulher vítima de violência, faz com que ela acredite que esse sofrimento faz parte do ser mulher e tentam conviver em harmonia com o seu agressor em nome da família. Novamente, aqui, a mulher é depreciada, é culpada. Sandra Eliane Pinheiro aduz:

Nesse ponto, quando vemos a religião ensinando que mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, compreendemos que de certa forma acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres dentro da Igreja, como na caça às bruxas¹¹, nas discriminações biológicas, nas omissões em relações conjugais violentas, contribuíram para que sociedade e cultura discriminassem as mulheres. “A Igreja é um lugar de formação e influência sobre indivíduos que passam a agir socialmente” (BERGESCH, 2006, p. 114). (PINHEIRO, 2019, p. 49)

A religião é uma realidade pessoal e institucional na vida da maioria da população, portanto, não é surpresa que o ensino religioso e a filiação proporcionem um contexto significativo para muitas mulheres ao abordarem experiências em que foram vítimas. Por meio de textos, tradições, ensinamentos e doutrinas, comunidades e instituições religiosas transmitem valores e sistemas de crenças a seus membros. Além

disso, os membros das comunidades religiosas frequentemente têm relacionamentos diretos de apoio ou aconselhamento com líderes religiosos que podem fornecer orientação ou instrução.

Os textos e ensinamentos religiosos podem servir como recursos para ajudar aquelas mulheres que sofreram abusos a encontrar segurança e no processo de cura. E, no entanto, a religião também pode ser mal utilizada para desculpar ou tolerar comportamento abusivo. Sandra Eliane Pinheiro exemplifica uma dessas desculpas:

Um dos períodos mais obscuros da história foi a caça às bruxas, considerada uma das formas mais cruéis de violência contra as mulheres, e o que é mais agravante, foi perpetrada pela própria Igreja. Segundo Bergesch, a tortura era considerada o meio mais eficaz para conseguir a confissão. Os torturadores procuravam por qualquer sinal de anormalidade, o que seria um sinal claro de pacto com o demônio. Por isso, as vítimas eram despidas e depiladas. Se a mulher não confessasse ser bruxa, isso também era considerado uma importante prova de bruxaria, pois “sua suposta inferioridade biológica não permitiria resistência, a menos que recebesse auxílio do mal” (BERGESCH, 2006, p. 112). Em 1694, os responsáveis religiosos pelas perseguições, agressões e execuções de milhares de mulheres consideradas bruxas, elaboraram um documento baseado em uma leitura manipulada da Bíblia para justificar tais atos. Entre outras coisas, conforme (CALABRES, 1998) constava no documento: a) toda maldade é pouca comparada com a da mulher; b) quando (as mulheres) usam bem suas qualidades, são boas, porém quando usam o mal, são o próprio demônio; c) uma mulher é perversa por sua natureza e é fácil para ela renunciar sua fé, o que é a raiz da bruxaria; d) deve-se dizer que houve um defeito quando se fez a primeira mulher, já que foi feita de uma costela dobrada, ou seja, a do peito, que está feita ao contrário da costela do homem e, deste então, por este defeito, é um animal imperfeito. (PINHEIRO, 2019, pp. 48 e 49).

No contexto da violência contra as mulheres, ensinamentos religiosos e comunidades desempenharão um papel; é fato que eles nunca serão neutros. Este trabalho traz algumas das questões básicas que confrontam mulheres religiosamente identificadas que sofreram abuso.

A realidade é que, independentemente da religião, ao lado do trauma da violência, a maioria das mulheres estarão lidando com algum aspecto das crenças e ensinamentos religiosos que servirão como recurso ou obstáculo (Fortune, 1987).

A tarefa para a liderança religiosa e secular é dupla:

1) reconhecer que as crenças, textos e ensinamentos religiosos podem servir tanto como obstáculos quanto como recursos para vítimas de violência e 2) aprofundar nosso exame de textos e ensinamentos religiosos e explorar novas interpretações para que minimizemos os obstáculos e maximizemos os recursos para as mulheres.

Nenhuma mulher deve ser forçada a escolher entre a segurança e sua comunidade ou tradição religiosa. Ela deve ser capaz de acessar os recursos de defesa e abrigo com base na comunidade e de apoio e aconselhamento baseados na fé aliando

assim o exercício da religião consagrado na CF/1988, bem como direito a proteção da sua incolumidade física e psicológica.

Para responder adequadamente às necessidades das mulheres agredidas e das vítimas de estupro, é imperativo que os líderes religiosos aprendam sobre a violência contra as mulheres e estenda a mão aos defensores e serviços seculares. Da mesma forma, é imperativo que os defensores e conselheiros seculares apreciem a importância da formação religiosa das mulheres e procurem o clero e grupos religiosos para encontrar recursos para atender às necessidades das vítimas. Os líderes religiosos também podem utilizar suas posições como líderes comunitários para ajudar a moldar a discussão de questões relativas à violência contra as mulheres.

3.1 A MULHER MODERNA E A QUEBRA DE PARADIGMAS DA SUBMISSÃO.

Segundo o dicionário Oxford, submissão é definida como a ação ou fato de aceitar ou ceder a uma força superior ou à vontade ou autoridade de outra pessoa. Ao discutir a submissão em uma perspectiva religiosa e cristã, muitas vezes líderes religiosos instruem as mulheres da comunidade qual fazem parte que aceitem a vontade de seus maridos. Alessandra Ruita Santos Czapski e Temis Gomes Parente faz algumas ressalvas acerca da submissão da mulher em diferentes culturas. Segundo as autoras:

Na história da humanidade, a mulher foi subjugada, dominada e tolhida nas sociedades patriarcais. A tradição e a cultura instituídas nas sociedades reservaram para a mulher um papel de submissão ao domínio machista patriarcal. Colling (2004) afirma que a inferiorização da mulher remonta a datas e culturas muito antigas. Na cultura grega, a mulher era considerada um ser inferior. Na cultura romana, a discriminação era legitimada pelas leis que instituíam a pater familias e delegava ao homem todo o poder sobre a vida das mulheres. Muraro (2000) argumenta que, sob a égide do patriarcado, surgem as questões do âmbito público e privado. Essas sociedades elaboram sistemas religiosos e normas legais que estabelecem para a mulher a submissão e o cuidado com o marido e os filhos em âmbito privado, e para o homem a supremacia do domínio político e público. Consideram a mulher indefesa e com inteligência limitada para atuar em âmbito público. (CZAPSKI E PARENTE, 2017, p. 85).

Algumas interpretações de pregadores e igrejas são mais radicais do que outras. Para alguns, a submissão exige que a mulher seja vista e não ouvida tanto nos relacionamentos quanto nos cargos ministeriais. Para outros, significava simplesmente que o homem e a mulher assumiam papéis estereotipados de gênero, em que o homem é o provedor e protetor, e a mãe cozinha, limpa e cuida dos filhos. Mas os tempos estão mudando.

As mulheres estão defendendo a si mesmas, recebendo salários mais altos, frequentando e se formando na faculdade com taxas mais altas e escolhendo suas próprias estruturas familiares.

Em 2021, o fato de as mulheres serem avisadas de seu “lugar” na escala hierárquica em justaposição aos homens não é apenas desatualizado, mas desnecessário. Quando os homens discutem a submissão de uma perspectiva religiosa, eles citam a Bíblia para justificar governar as mulheres.

No entanto, todos esses comandos são realmente de Deus ou a interpretação de outro homem? Ao longo da vida, as regras e os sistemas são aprimorados quando o coletivo atinge uma nova perspectiva. Então, quando se trata principalmente da Bíblia e do Alcorão. Como abordamos seus mandamentos que não são mais amplamente aceitos ou adequados na prática cultural atual?

As justificativas históricas dos homens de que as mulheres estão “abaixo” de seus maridos foram apoiadas pela primeira história de Gênesis envolvendo Adão e Eva. De acordo com o texto, Eva dando a Adão o fruto para comer é o que resultou em uma maldição de Deus na qual foi dada a ordem de que “o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gênesis 3:16). “

As pessoas presumiram que fazia parte da maldição as mulheres serem dominadas por homens, e essa é uma interpretação válida da história. Definitivamente, isso está no texto. O problema surge quando reconhece-se hoje que mulheres e homens, embora não sejam iguais em todos os aspectos, formas e formas, devem ter direitos e oportunidades iguais e não deve haver hierarquia.

A quebra de paradigma da submissão mulher ao homem se iniciou no fim do século XIX. Período histórico marcado pela consolidação do capitalismo e pela Primeira Guerra Mundial. É nesse momento que as mulheres saem de casa em busca de trabalho para o sustento de sua família, em decorrência da ausência de seus maridos em seus lares para guerrear no campo de batalha. Essas mulheres possuíam exaustivas jornadas de trabalhos, salários inferiores ao que o homem recebia, ambientes insalubres, além de cuidarem de casa e dos filhos. Maxwell dos Reis Silva afirma:

E é pela quebra desses paradigmas que as mulheres desde o fim do século XIX e início do Século XX veem lutando(...). Com a afirmação do sistema capitalista e a falta de mão-de-obra ocasionada pela ida dos homens às guerras mundiais, dos quais muitos nem retornavam para suas casas, o que também levou as famílias de vários soldados a terem dificuldades financeiras forçando a mulher a se adaptar e virar a provedora de seus lares. Com um intenso avanço tecnológico e o aumento contínuo do maquinário das indústrias, fez com que as mulheres comessem a trabalhar nas grandes fábricas com uma carga horária abusiva

de 18 horas diárias e um salário inferior ao do homem (Kühner, 1977). (SILVA, 2017, p.3)

Diante dessa inserção das mulheres no mercado trabalho e das mudanças ocorridas nestes séculos XIX e XX, cada vez mais as indústrias buscaram as mãos de obra feminina, pois, as mulheres, desde então, mostrou-se eficiente, competentes, com as aptidões necessárias para atuar no mercado de trabalho. Mesmo com fartos preconceitos contra sua entrada no mercado de trabalho, e a enorme desigualdade salarial e os preconceitos sofridos, as mulheres estão se corroborando e consolidando seu espaço em posições empresariais. Esse ingresso no mercado de trabalho fez com as mulheres lutasse por condições mais igualitárias na sociedade com isso, surge-se então, o movimento feminista. A respeito, a autora Rose Marie Muraro explana:

Quanto às mulheres, uma vez tendo entrado no mercado de trabalho e recebido os primeiros salários, iniciam uma revolta generalizada. Começam a questionar a má qualidade de suas relações com os homens. Não querem mais ser objetos sexuais nem inorgânicas. Podemos mesmos dizer que o orgasmo como direito das mulheres é fato dos anos sessenta. Ao mesmo tempo, lutam contra a discriminação econômica, e principalmente passar a reivindicar postos de decisão na política, nas empresas, nos sindicatos. Todos estes movimentos juntos vêm a construir talvez o maior questionamento feito contra o sistema competitivo e patriarcal nos dez mil anos de sua existência. (MURARO, 1993, pp. 175 e 176).

O feminismo é um movimento social com a finalidade de estabelecer relações de igualdades entre as mulheres e os homens. Não se trata de uma inversão da submissão, onde os homens estariam subjugados as mulheres, mas, sim, trata-se de igualdades no mercado de trabalho, nos relacionamentos, nos afazeres domésticos. O movimento feminista conta com diversas ondas do movimento. Sendo a primeira onda no século XX, em busca do direito a educação, ao voto. Definida como a segunda onda entre as décadas de 1960 e 1980, as feministas estavam interessadas em lidar com sexo, prazer feminino, direitos reprodutivos e saúde da mulher, violência doméstica, estupro e trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres. A "terceira onda" do movimento feminista, começou na década de 1990, quando a política conservadora dos Estados Unidos, do Reino Unido e de outros países respondeu fortemente ao feminismo e aos rumores de que a era "pós-feminista" havia começado. A luta das mulheres pela igualdade será superada. No entanto, o trabalho teórico e as reivindicações que surgiram no final dos anos 1980 mostraram que a desigualdade ainda existe e empurrou o debate de gênero em uma nova direção. Sobre tal questão, Maxwell dos Reis Silva reitera:

Para auxiliar as mulheres nessa busca continua pela igualdade, foi criado o movimento Feminismo. Segundo Camila Betoni, o feminismo é um movimento que luta contra todas as formas de opressão exercidas sobre as mulheres e pela igualdade entre os gêneros. Bastante plural e diverso, o feminismo também pode ser visto como uma corrente filosófica, que atinge diferentes áreas do conhecimento, gerando desde uma arte até uma historiografia feminista. (SILVA, 2017, p. 3)

Nas décadas seguintes as mulheres foram cada vez mais conquistando seu espaço na sociedade, mesmo diante das desigualdades e este sucesso se tornou tão relevante, que restou superado a dicotomia entre o público e o privado. As mulheres passaram a exigir a entrada do homem para o domínio privado, ao passo que passaram ao mesmo tempo para ao domínio público, agora entramos para o “universo” masculino e temos trabalho em dupla, tripla jornada (seja dona de casa, seja mãe, seja empregada ou empregadora). Em todo o mundo, as mulheres que entram na esfera pública, na prática e independentemente de qualquer ideologia, estão provocando as mudanças mais surpreendentes sejam elas psicológicas e as mudanças na estrutura socioeconômica. Senão, vejamos: quando as mulheres entram na esfera pública, os homens são obrigados a entrar na esfera privada. Portanto, configurando uma ruptura entre o público e o privado. É o que elucida Rosie Muraro:

(...) as mulheres conseguiram invadir como povo o mundo masculino. Hoje somos, no mundo inteiro, quase 50% da força do trabalho (no Brasil este número é de 45%, segundo o IBGE). Assim, conseguimos superar a dicotomia entre o público e o privado que caracterizou o patriarcado desde o seu início e que sempre foi a sua característica mais fundamental. (MURARO, 1993, pp. 184 e 185).

Resta evidente a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho. Foi através dessa inclusão e dos movimentos feministas que as mulheres ganharam forças para reivindicar os seus lugares na sociedade, para lutarem por uma sociedade em que há igualdade entre mulheres e homens, para adquirirem direitos e garantias fundamentais e serem respeitados. Sobre essa importância, Maxwell dos Reis Silva, reitera:

Conclui-se que a mulher a partir do momento que começou a ser inserida no mercado de trabalho por falta de mão de obra devido a ida dos homens as guerras, jamais parou de buscar o seu espaço. A busca pela igualdade de gênero fez com que se criassem movimentos dentro eles o Feminismo para quebrar essa cultura de que a mulher tem apenas que ficar em casa e ser cuidadora do lar, enquanto o homem vai para rua para ser o provedor do lar. (SILVA, p. 5).

Em consequência disso houve uma redefinição no conceito de mulher e uma desconstrução da cultura tradicional relacionada à imposição social na esfera familiar, quebrando tabus e mostrando ao mundo que, nós, mulheres temos a capacidade e

inteligência para ser quisermos e conquistar o que almejamos. Alessandra Ruita Santos Czapski e Temis Gomes Parente citando Rago ressalta que:

[...] a mudança foi tão radical que, hoje, dificilmente alguém ousaria afirmar, como outrora, que a mulher não tem capacidade mental ou condições físicas para ser uma boa governante, dirigente política, empresária, engenheira, juíza, médica, delegada ou esportista, para ater-me às profissões tidas como tipicamente masculinas. Além do mais, as pesquisas têm trazido à tona uma longa história de lutas, resistências e profunda determinação, desfazendo as imagens da passividade e da submissão atribuídas também às mulheres brasileiras (RAGO, 2004, p. 32). (CZAPSKI e PARENTE, 2017, p. 93)

Apesar desses avanços, as mulheres ainda vem enfrentando grandes desigualdades, sejam nos mercado de trabalho, seja em casa. Contudo, as mulheres são cada vez mais protagonistas da sociedade atual. Lideram uma dupla jornada de trabalho: são donas de casas, mães e esposas e ocupam um lugar no mercado de trabalho. Fato é que ao longo dos anos as mulheres tem batalhado para garantir seus espaços na sociedade, luta essa longe de terminar. A princípio, os movimentos feministas já asseguram direitos aos quais refletem na poder de decisão da mulher e da sua inserção na sociedade, como por exemplo, o direito ao voto. Ademais, as mulheres atualmente, antes subjugadas pelos seus maridos, passam agora a exigir em suas relações respeito, companheirismo, divisão nos afazeres domésticos, não aceitam ser dominadas e lutam para que outras mulheres tenham os mesmos direitos. São as conquistas diárias das mulheres que as suas próximas gerações vão lutar pelo fim da institucionalização do patriarcado na sociedade. Rosie Muraro, afirma:

Neste limiar do Terceiro Milênio, por sua vez, está acontecendo uma revolução fantástica: pelo fato de o capitalismo ter fabricado mais máquinas do que machos, as mulheres invadem o mundo masculino e, tecnicamente, acabam com a separação entre o mundo privado e o público. Podemos, assim, falar num embrião de superação do patriarcado. (MURARO, 1993, p. 191).

Para finalizar, deixo a reflexão da música “*Maria, Maria*”, do cantor Milton Nascimento:.

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta, uma mulher que merece viver e amar, como outra qualquer do planeta.

Maria, Maria, e o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta. De uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta.

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre, quem traz no corpo a marca

Maria, Maria, mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!! Lá lá lá lerererê lerererê Lá lá lá lerererê lerererê Hei! Hei! Hei! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Lá lá lá lerererê lerererê! Lá lá lá lerererê lerererê!

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho, sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania, de ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!! Lá lá lá lerererê lerererê Lá lá lá lerererê lerererê Hei! Hei! Hei! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei! Lá lá lá lerererê lerererê! Lá lá lá lerererê lerererê!

Essa música reflete muitas mulheres, muitas Marias, que levantam cedo, para cuidar de seus filhos, que dão a vida por sua família, que lutam um espaço no mercado de trabalho, que estão conseguindo à custa de muito sangue, serem protagonistas de suas vidas. Mulheres Marias que apesar do mundo lhes disserem, não! Não se deixam embrutecer e lutam pelo sim, que renascem todos os dias para empreender a luta, por direitos iguais, por que mais da metade do mundo é mulher e a parte que não é, provém de uma.

CONCLUSÃO

Conclui-se que ao longo da história da humanidade surgiram diversos conceitos sobre a mulher. De forma sucinta, nas civilizações primordiais a mulher era considerada Deusa, pelo o seu grande poder de reprodução. Com o passar tempo essa concepção muda com a tomada de conhecimento no processo de reprodução da espécie humana, assim, o homem, passa então a subjuga-la, instituindo o patriarcalismo. Os surgimentos das igrejas reforçaram essa institucionalização do patriarcalismo e a dominação sobre as mulheres. Agora as mulheres são consideradas seres inferiores e passíveis de dominação, devendo ser donas de casa, perfeitas esposas e boa mãe, conceito esse enraizado até os dias hoje.

O patriarcado e a Igreja contribuíram e contribui para a ideologia da desvalorização da mulher, colocando-a como culpada pela introdução do pecado ao mundo e um ser extremamente pecaminoso por desvirtuar os homens de bons caminhos.

Fato é que ao pensarmos em religião, temos a concepção de um lugar tranquilo, de paz, de prosperidade, de harmonia e de união. Entretanto, desde a sua criação e consolidação vem instituindo tabus na sociedade e em sua maioria são concernentes as mulheres.

Ademais, as mulheres buscam as religiões para entender o seu sofrimento, buscam respostas sobre suas vidas problemáticas e, principalmente, sobre os comportamentos agressivos de seus companheiros. E ao frequentarem esses templos religiosos, são ensinadas pelos representantes religiosos que o sofrer faz parte de ser mulher e essa aflição passa a ser mediocrizado e naturalizado.

Os representantes religiosos em seus ensinamentos pregam a sujeição da mulher ao seu marido, colocando-a como passiva, obediente, inferiorizada, perpetuando assim, essa concepção. Assim, os sermão religiosos abre precedentes para que os

homens agressores se valem dessas ideologias para explicar a prática de constantes hostilidades as suas mulheres. Desse modo, as entidades religiosas acabam contribuindo para a manutenção da violência doméstica na sociedade. Assim, portanto, temos a primeira forma para a preservação da violência doméstica: o discursos do líderes religiosos. Esses sermão são tão poderosos que são capazes de produzir um valor social na sociedade.

Essa manutenção da violência doméstica defendida pela as instituições religiosas, acabam, conseqüentemente contribuindo para os altos índices de violência doméstica. A violência doméstica pode ser entendida como violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

Os grandes índices da violência doméstica que tem o fator religião como contribuição para tal, se pelos seguintes fatores: o discurso, anteriormente explanado e a omissão/silêncio da instituições religiosas. A omissão das entidades religiosas em não tomar providências quando suas fiéis buscam os líderes religiosos para relatar sua agressões e silenciarem essas vítimas para não expor seus casos, acabando, contribuindo ainda mais para os elevados índices da violência doméstica e que em sua maioria pode ser fatal, criando assim, a cultura do silêncio. Onde os líderes religiosos em seus discursos dizem que o sofrimento faz parte do ser mulher e que elas devem suportar tudo em nome da família. Assim, resta evidente a relação entre as entidades religiosas e a sua contribuição para a manutenção da violência doméstica.

A submissão religiosa pode ser definida como a sujeição da mulher ao seu marido, devendo-a obedecer fielmente. No entanto, com o decorrer dos séculos, está havendo uma quebra desse paradigma da submissão da mulher.

A quebra do paradigma da submissão da mulher começou quando ela teve procurar o mercado de trabalho no final do século XIX para prover sua casa em vez de seu marido, pois, ele havia saído do lar para lutar nas guerras mundiais. Além disso, com a falta de mão de obra do homem em decorrência da guerra, as fábricas para manter seu funcionamento necessitava de mão de obra abrindo oportunidade para mulheres, crianças, idosos.

As mulheres inseridas recentes no mercado de trabalho nessa época possuía péssimas condições de trabalhos, jornadas excessivas, salários inferiores, além que possuíam uma casa, filhos para cuidar.

Ademais, as mulheres se mostram muito competentes e eficientes para atuar no mercado de trabalho. Mesmo diante, do inúmeros preconceitos e desigualdades sofridas, as mulheres tem consolidado seu espaço na sociedade.

A entrada da mulher no mercado de trabalho, abriu precedentes para que elas lutassem por condições mais igualitárias na sociedade, surgindo, assim, os movimentos feministas. O feminismo busca estabelecer relações igualitárias entre a mulher e o homem na sociedade e, foram essas lutas feministas que trouxe as mulheres o direito a educação, ao voto, garantias e deveres fundamentais.

Com um importante espaço na sociedade, agora, as mulheres chama os homens para entrar no domínio privado, enquanto elas vão para o domínio público. Nesse momento da ruptura dessa dicotomia público e privado, as mulheres exigem dos homens a participação na criação dos filhos, do afazeres domésticos, enquanto, nós, mulheres ocupamos boa parte do mercado de trabalho.

Assim, portanto, a inserção da mulher no mercado trouxe vários benefícios para a mulher, entre elas, uma nova concepção do ser mulher e mais espaços para as mulheres na sociedade, onde, agora, tem voz e luta constantemente pela igualdade entre mulheres e homens na sociedade. Muitos foram os avanços, as conquistas da mulheres na sociedade desde a sua entrada no mercado de trabalho. As mulheres modernas, não precisam se subjugar ao seu companheiro e exigem uma relação onde há respeito, companheirismo, cumplicidade. Ainda há muitas lutas para serem conquistadas, pelas mulheres, como por exemplo o fim da institucionalização do patriarcado e o fim dos tabus religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Ferreira Daniele; GOMES, Vera Lucia de Oliveira e BARLEM, Edison Luiz Devos. **Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher**. Scielo, 2013. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000600007&script=sci_arttext >. Acesso em: 02 de abril de 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Igrejas **silenciam vítimas de violências domésticas, dizem evangélicas**, folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/igrejas-silenciam-vitimas-de-violencia-domestica-dizem-evangelicas.shtml> >. Acessado em 15 de setembro de 2021.

BIBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Online**. Disponível em: < <https://www.bibliaon.com/>>. Acessado 23 de setembro de 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm >. Acessado em: 13 de setembro de 2021.

CARVALHO, Cleide. **Violência doméstica produz uma agressão física a cada 2 minutos no Brasil**. O Globo, 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/violencia-domestica-produz-uma-agressao-fisica-cada-2-minutos-no-brasil-24701071> >. Acessado em: 13 de setembro de 2021.

CARVALHO, Cleide. **Violência doméstica produz uma agressão física a cada 2 minutos no Brasil**. O Globo, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/violencia-domestica-produz-uma-agressao-fisica-cada-2-minutos-no-brasil-24701071>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

CZAPSKI, Alessandra Ruita Santos e PARENTE, Temis Gomes. **FEMINISMO E SUA INCIDÊNCIA NAS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO**, humanidade&inovações. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:DgdA7eRsAuoJ:https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/485/472+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acessado em: 21 de setembro de 2021.

DURÃES, Sena Jaqueline. Mulher, Sociedade e Religião. *In*: Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos, Champagnat, 2009, p.133-144.

DURÃES, Sena Jaqueline. **Mulher, Sociedade e Religião**. *In*: Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos, Champagnat, 2009, p.133-144.

FARINHA, Aline Chaveiro. **A mulher e o sagrado: um resgate da representação da mulher na religião**. *In*: Congresso de História, 2009, Jataí. Anais eletrônicos, Jataí, 2009.

FORTUNE, Marie. **Violence Against Women and the Role of Religion**. Harrisburg, PA: Publicado em 14 de ago. de 2017. Disponível em <[http:// www.vawnet.org](http://www.vawnet.org)> acessado em 16 de set. de 2021.

KRAMER, Heinrich.; SPRENGER, James. Malleus Maleficarum. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

KROB, Daniéli Busanello. **A Igreja e a Violência Doméstica Contra as Mulheres**. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST, 2014, São Leopoldo, p.208-216.

LIMA, Juliana Domingos de. **Feminismo: origem, conquistas e desafios do século 21**, nexojornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21>>. Acessado em: 21 de setembro de 2021.

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direito Humanos**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh/copy_of_dados-atuais-2021>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

NASCIMENTO, Milton & BRANT, Fernando. **Maria, Maria**, Gravadora: Warner Music, Catálogo: 092748496-2 Ano: 2002, Album: Último Trem, Duração 3':09"

NUNES, Maria José F. Rosado & CITELI, Maria Teresa. **Violência Simbólica: a outra face das religiões**. 2010 Publicado em: 27 de maio de 2005, Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/311> >. Acessado em: 02 de setembro de 2021.

PAULO, Paula Paiva. **Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO E SESC, **Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado. Dossiê**, Disponível em: < <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/ violencia/pesquisa/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-espacos-publico-e-privado-o-fundacao-perseu-abramosesc-2010/#prevalencia-da-violencia-por-parceiro-intimo>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

PINHEIRO, Sandra Eliane Oliveira. **UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR E AS IGREJAS EVANGÉLICAS**. Disponível em: < <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IQSOPXCDCkwJ:https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2794/1/2019Sandra%2520ElianePinheirodeLima.pdf+%cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> > . Acessado em: 12 de setembro de 2021.

SILVA, da Camila. **Qual o papel da religião na violência doméstica?** Azmina,2019. Disponível em: < <https://azmina.com.br/reportagens/qual-o-papel-da-religiao-na-violencia-domestica/> >. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SILVA, Galvão & Bueno Advocacia. **5 tipos de violência doméstica**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/91809/5-tipos-de-violencia-domestica>>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

SILVA, Maxwel dos Reis. **A Mulher no Mercado de Trabalho: A Busca pela Quebra de Paradigmas Impostas pela Sociedade**. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/12106>. Acesso em: 02 de abril de 2021.